

REGISTROS
DE UM CA
SULO AN
TROPO
FÁGI
CO

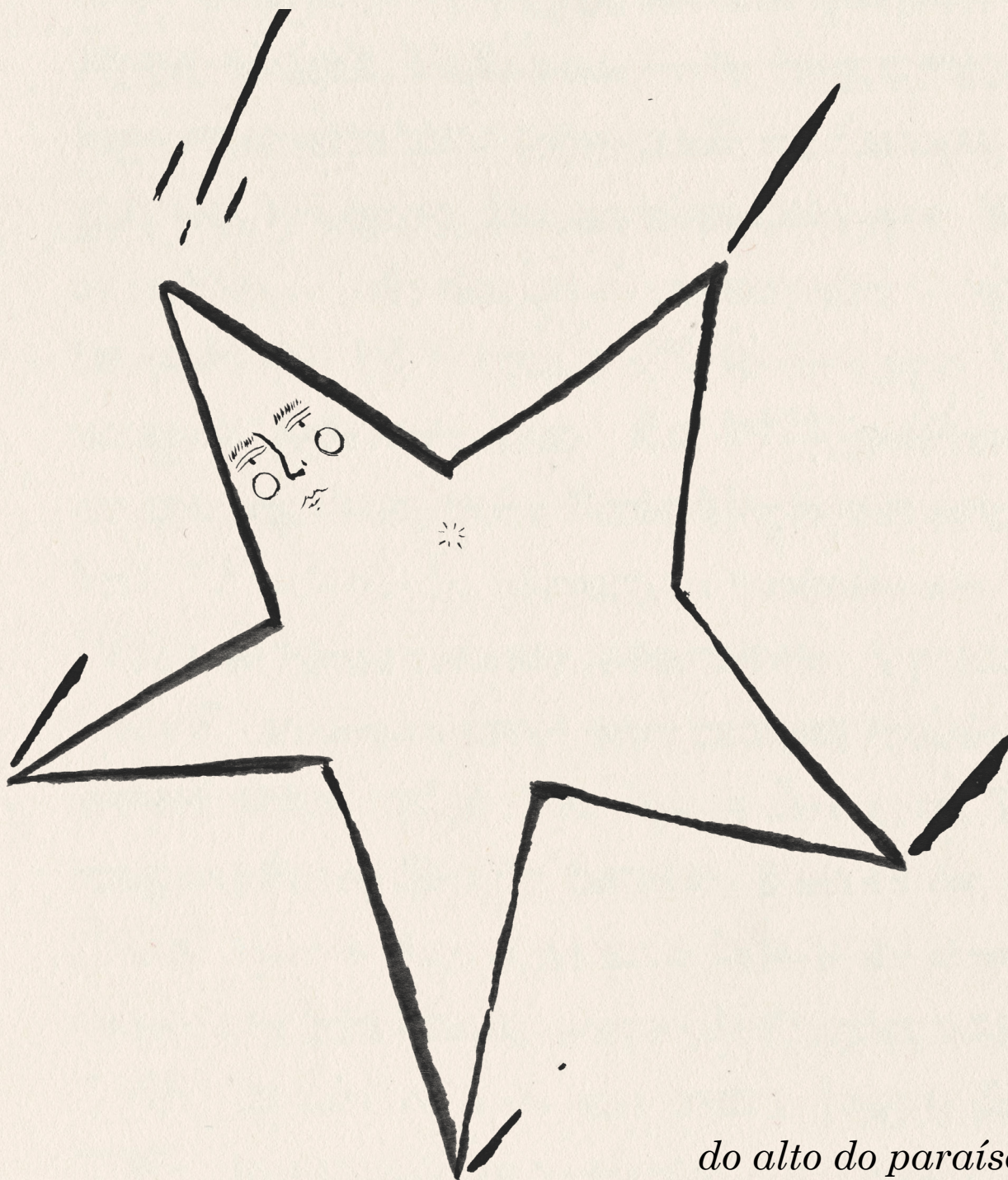


sumário

memória, 4

real, 15

delírio, 27



*do alto do paraíso
caio em queda livre
violenta (-me)
lancinante viagem.*



Revisitando meus antigos sentimentos

Senti-me

Eu sou a água que me afoga

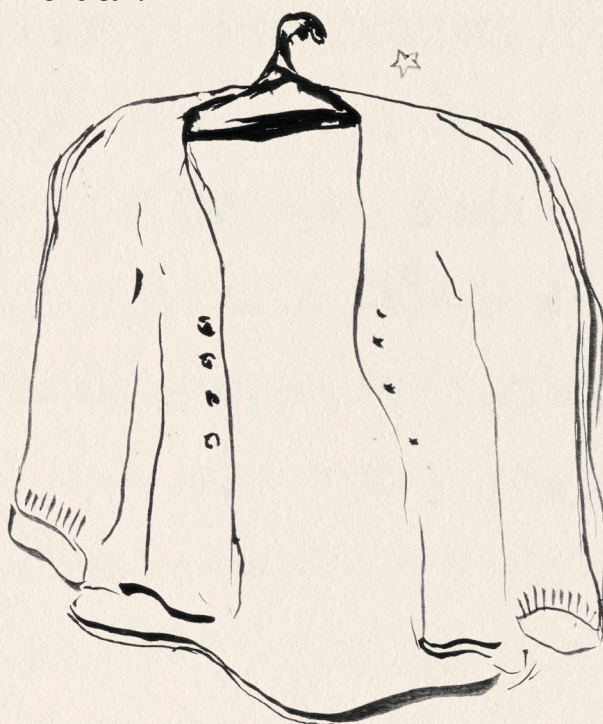
Sou eu

O céu que me pesa os ombros

Não deixando esquecer os dias ruins

O ar que não respiro

O adeus que acabei de lhe dar.



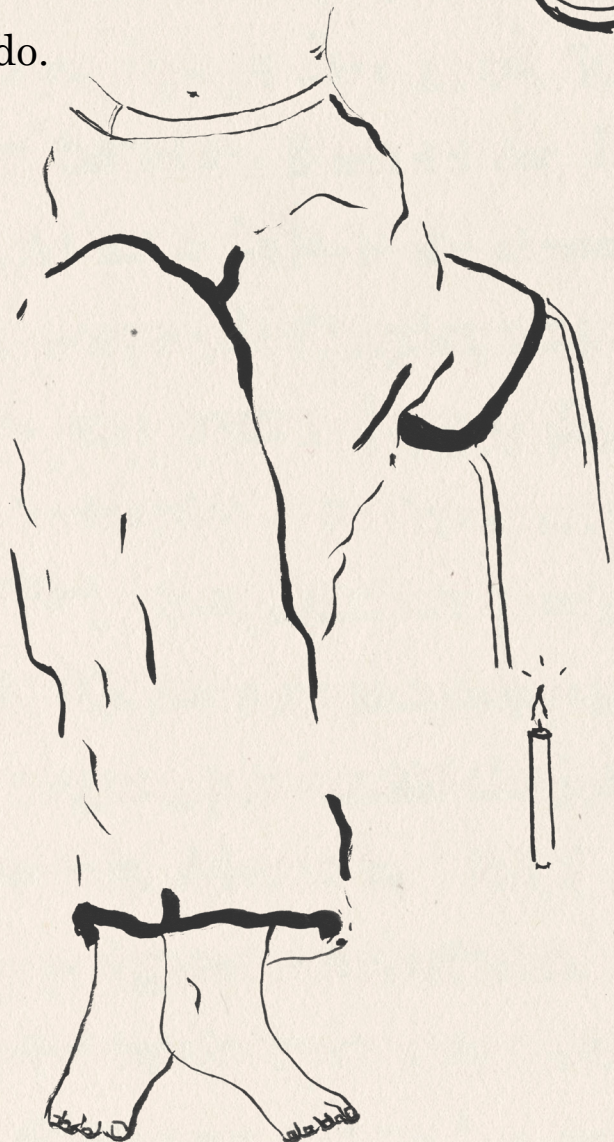
1912

O pior no que há
Da saudade é
A sensação aguda
De pertencimento
A dor, já envelhecida
A brisa antiga
O pranto confuso da alma...
Tudo que não grito pra fora
E desce estranho por dentro.



pintura do passado

pinto brutalmente um retrato do passado
(sem nenhuma pretensão)
sinto-me enclausurado
E tudo que já retratei
sinto estar despedaçado -
Não trago mais no coração
do que aquilo pelo qual fui cativado ;
E de tudo isso que amei
sei que um dia deixará de ser lembrado ...
Infeliz aquele que se vê
Numa pintura feita do passado.





afrescos

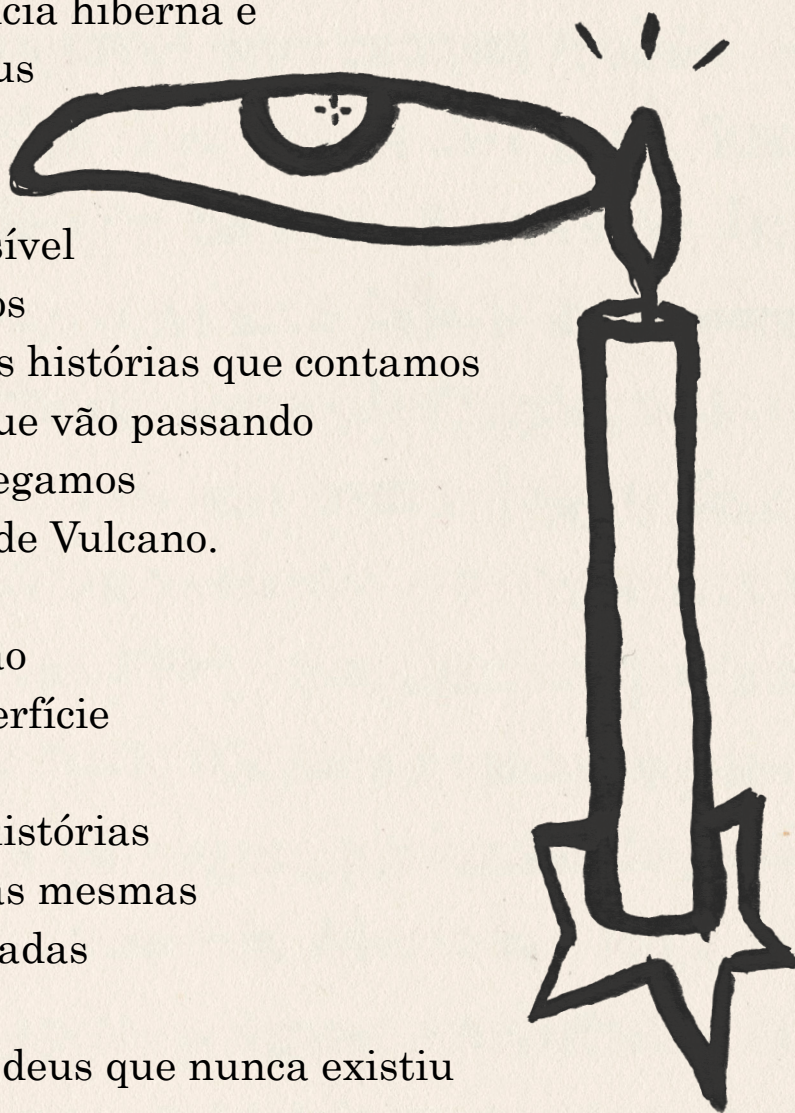
Tudo que me dói
vem do íntimo do
Infinito
as coisas que não terminam
mímeses falíveis do destino
Dores diluídas em
Instantes indecifráveis
Momentos errôneos, dos quais
não há retorno para a glória
tampouco escape do sofrimento
Assim, tudo que tenho são afrescos
Enfeitando uma existência de influência duvidosa
Aparentes na superfície enganosa
e de tão falsa, talvez bela
;
Detalhes esplêndidos
princípios primordiais.

Passeio contigo
Pela casa das coisas antigas
e vejo tudo que um dia funcionou
O rádio que não toca
As roupas colocadas no cabide pela última vez
As jóias expostas em vitrais
se até as coisas úteis envelhecem
Quem sou eu pra vencer na vida?
Lembro-me de quem fui um dia
fragmentos recortados do passado
de sentir as coisas de outra maneira
de usar uma coisa útil que jamais envelheceria
Erguer bandeiras em prol de
Uma idéia fixa do mundo
de que não importava o resto
O passado é um lugar distante e solitário que volto sempre
Uma coisa útil envelhecida
Onde leio os livros tentando encontrar
rememorando alguém que viveu
E morreu
No mesmo solo
O mesmo tempo comum
A Mesma água correndo no corpo
Os olhos abertos
Enxergando o mundo

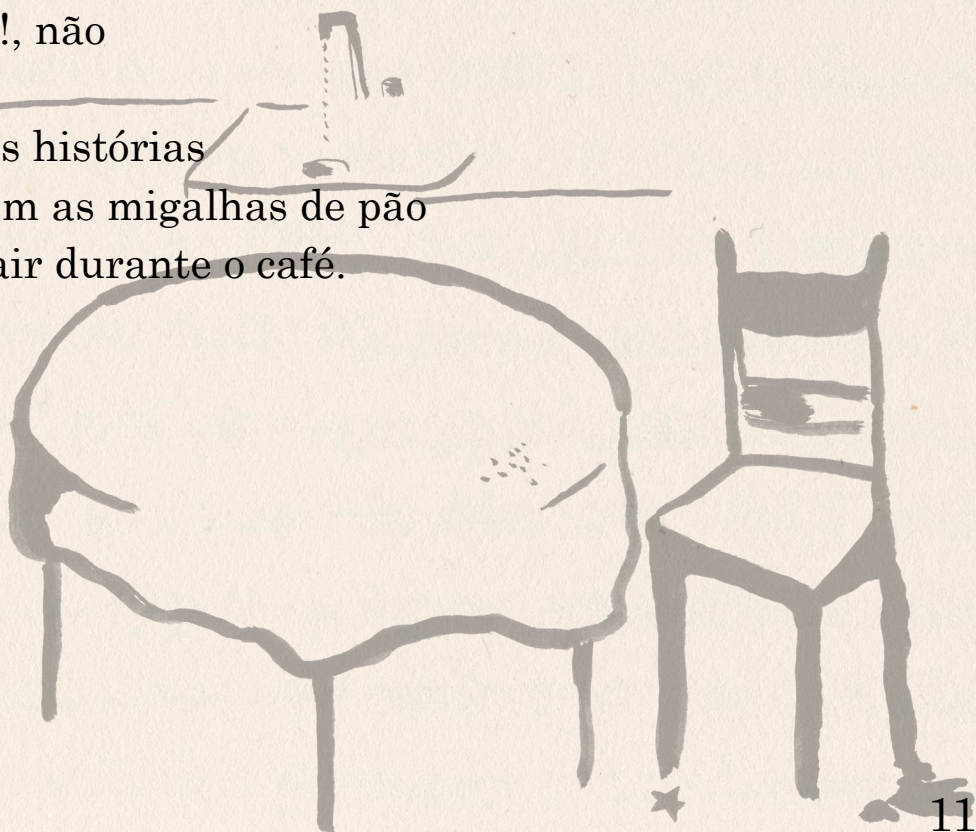


vulcano

Suas memórias passadas
de tão velhas, egoístas
suas memórias quentes
Cairão no conto da falsa morada
mais uma vez
Bio degradada
e o estigma que carregamos
Do homem inteligente
Dos ancestrais exploradores
O estigma da experiência hiberna e
Soa a trombeta dos céus
anunciando
Só verdade liberta
e surge o planeta invisível
dos raios solares opacos
Contando histórias das histórias que contamos
Evocando memórias que vão passando
Negando aquilo que negamos
chamando-se pela ira de Vulcano.
O planeta in visível
Viaja toda sua extensão
O Sol queima sua superfície
Devora luas e
não nos deixa contar histórias
e tudo que temos são as mesmas
Velhas memórias passadas
bem diante de nós
revivendo a ira de um deus que nunca existiu



Lembra quando
os dias eram iguais
e sonhávamos com estátuas de mármore
tão lindas que parecessem a moça da revista
e você tragava seu cigarro
me contando histórias
juntando as migalhas de pão da mesa
e eu adorava.
eu ainda amo.
não se deixe, oh!, não
não me deixe esquecido na gaveta de meias e cuecas
nem na caixa de ferramentas do papai
nem no ralinho da pia
por onde a água escoia depois de lavarmos a louça do almoço...
eu estou aqui, ainda
escondido debaixo das cobertas desde
aquele dia em que você rebobinou a fita
e eu assisti de novo meu filme predileto.
não se deixe, oh!, não
não me deixe
quero ouvir mais histórias
antes que acabem as migalhas de pão
que deixamos cair durante o café.





ferro velho enferrujado

Não queria ser adulto
Ter que escolher
entre uma vida medíocre
regada a boas lembranças
que jamais voltarão
Ou uma vida medíocre.
A dor dói como dói,
mas a causa da ferida
é o pior de tudo -
esta nunca cessará.
Ainda me lembro
Dos dias felizes...
Estes,
digo a mim mesmo,
São só momentos
Quase como
um suspiro.

lugar maldito

Enquanto a dor
anestésica
Me sufoca
Sou um pássaro triste
Só alço meu vôo a lugares malditos
Se me recordo apenas
das coisas ruins
É porque já não posso fazer o contrário
Como a flor que não pode esconder que murcha
Nem o homem esconder a verdade
Nem o pássaro
preso
esconder seu canto amargurado.
Em cada lugar
Maldito
Passo e fico
em versos.



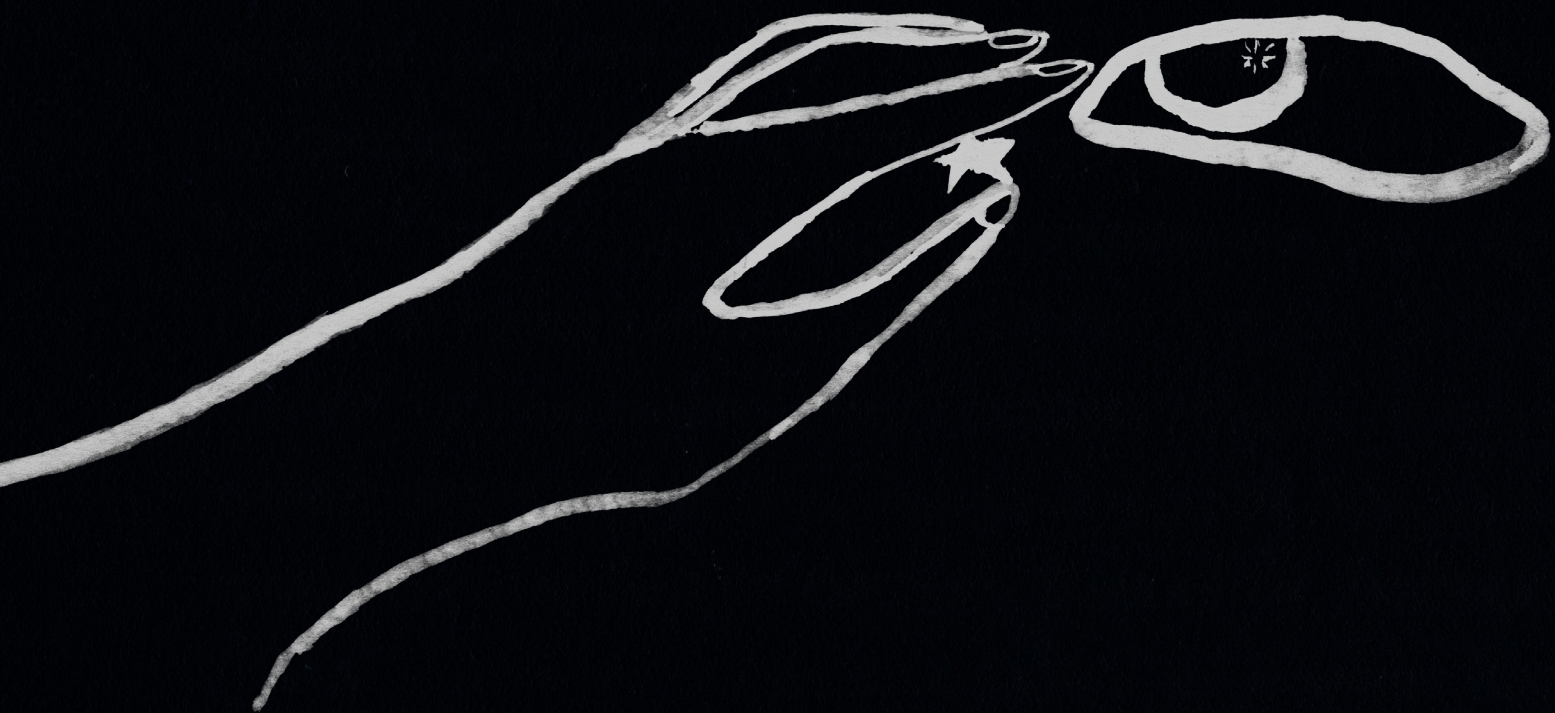
(inspirado no poema XLVIII de Alberto Caeiro)



flores

Sabe é só um cansaço
uma coisa da última canção
de fingir que tá tudo bem
Que você quis partir por liberdade
Que liberdade é uma escolha diferente
[que eu não tenho

E que só me sentirei
nas próximas semanas
Sabe toda essa dor elimina o desejo
De não querer sentir mais nenhum tipo de dor
É que às vezes a doença corrói em pensamento
e sei que a confusão que faço é tudo culpa minha
Que ninguém tem nada a ver com isso
Que o país é lindo e está em boas mãos
Que liberdade é coisa de quem já nasceu livre
E que talvez
sofreremos
E seremos
Sempre
Como nossos pais.





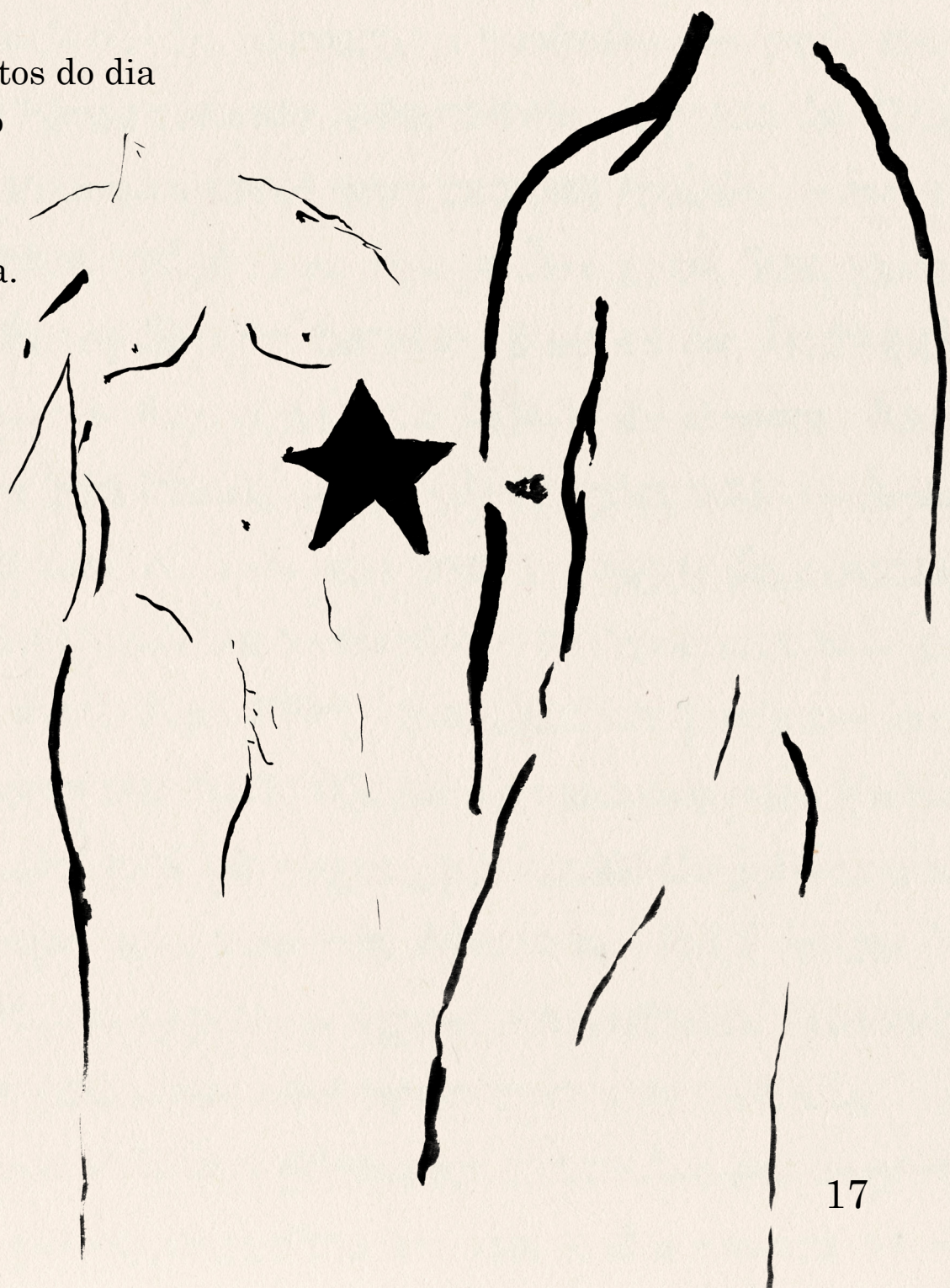
Daquilo que observo
A grande mancha
hereditária

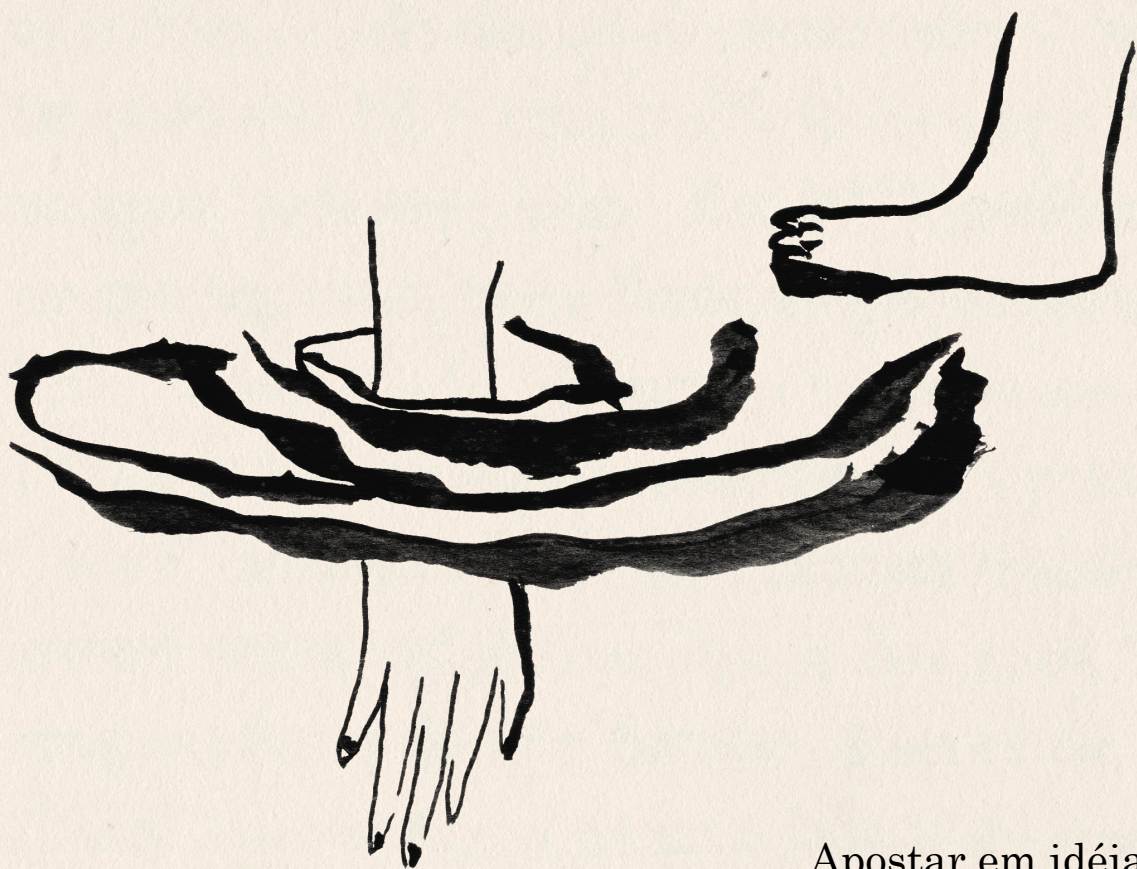
Fica

O contra-gosto do inesperado
A virtude que não existe
A intrínseca passividade
E dói.



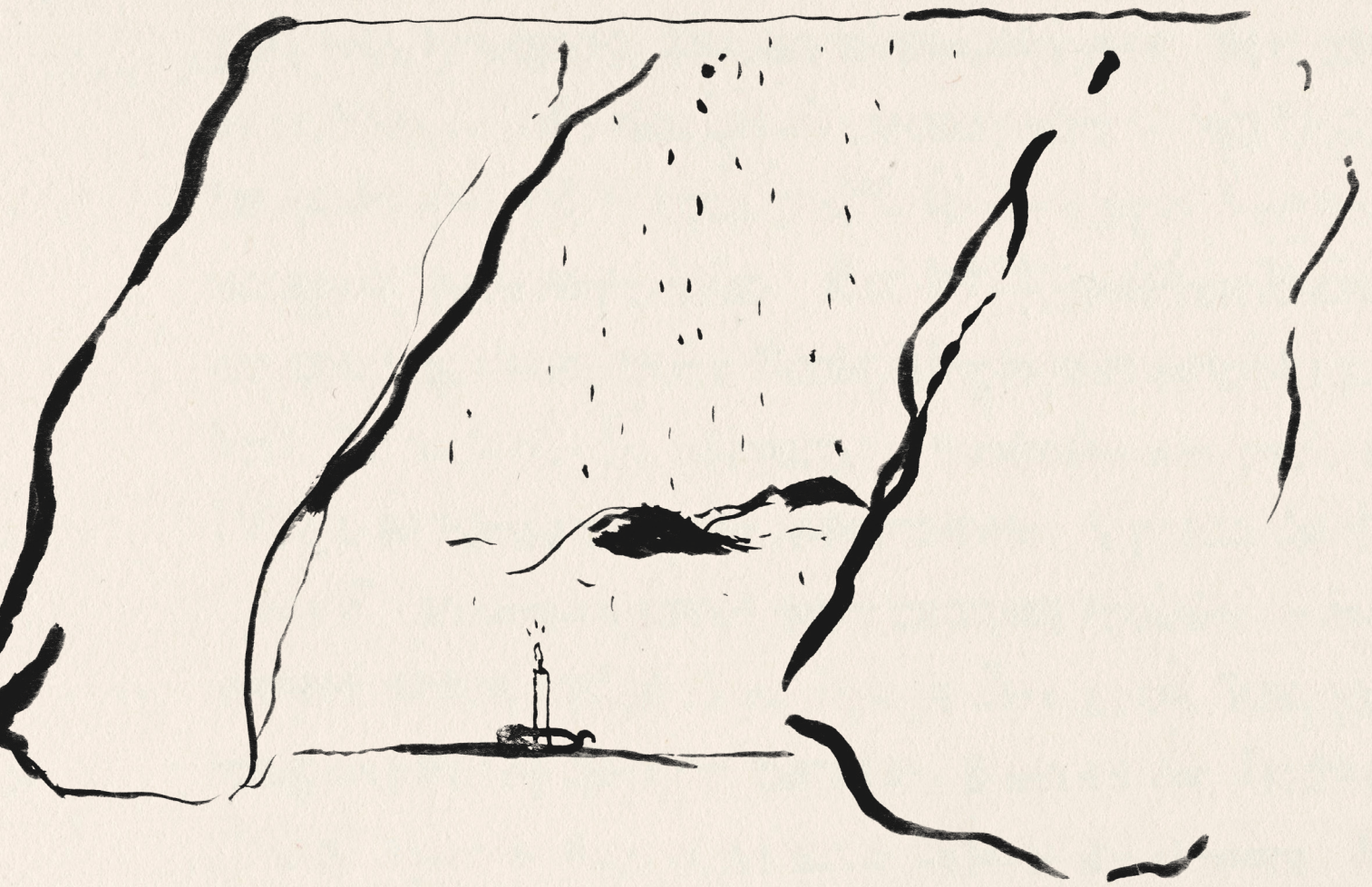
só assumo a derrota quando ela vem
a noite sorrateira
ferindo profundamente
revelando os desejos mais íntimos
o pecado libidinoso
a falta de fé
a coleção de fracassos
a dor incessante.
nos outros momentos do dia
finjo ser eu mesmo
sem ciúme ou
autopiedade -
felicidade suprema.
não me reconheço
sou apenas
Invisível.





Apostar em idéias
Inexistentes
Trabalhoso esforço esquizofrênico
Frente a um combate ilusório
Atravesso todo o relevo
E percebo a paz atormentada
que há na desistência
Às vezes prefiro as outras coisas do mundo
Só as vezes
Quando não tenho graça.

chuva ácida

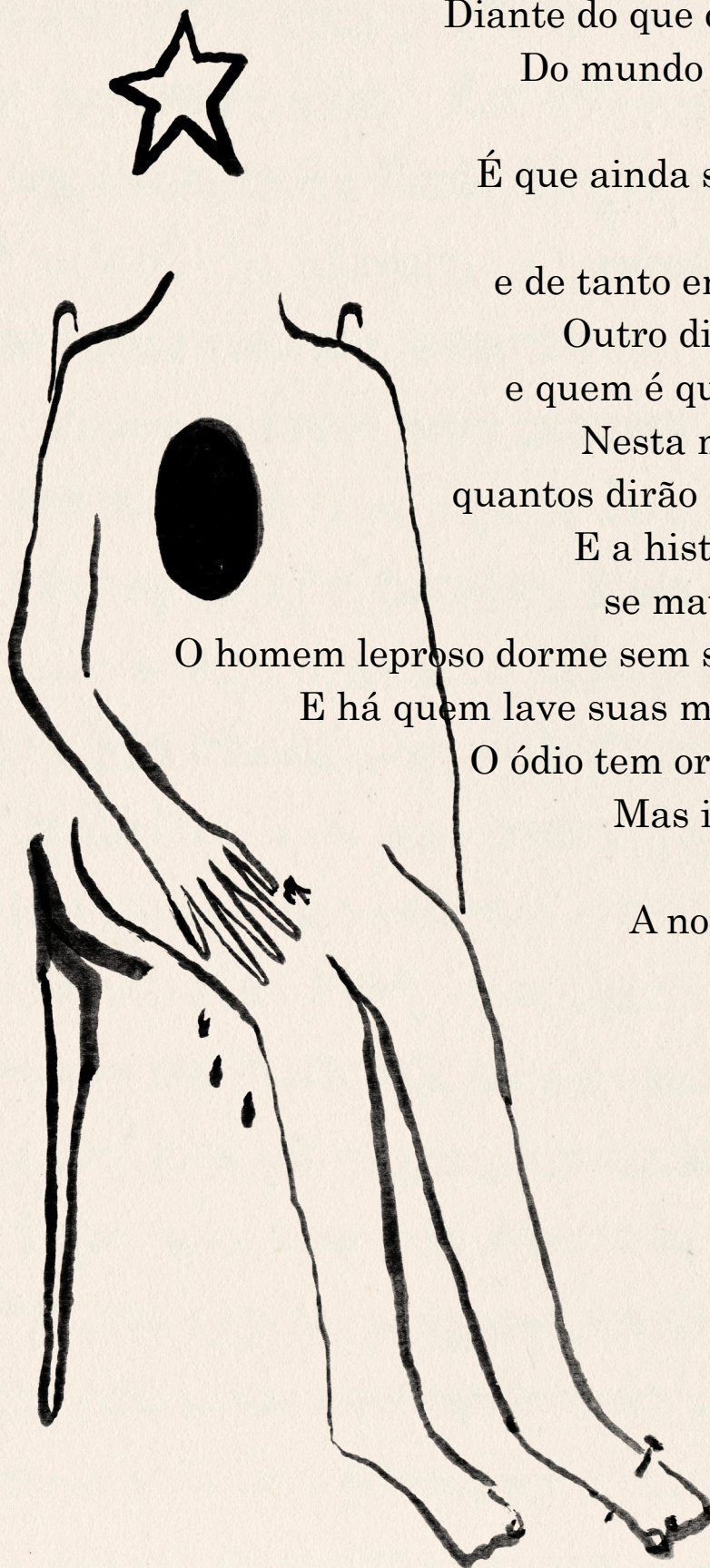


Penso nas coisas como
Passageiras.
Como idéias que existem
e podem morrer a qualquer instante.
Como rios voadores vermelhos
que chovem a doença e a violência sobre nossas cabeças afetadas
Trazendo a guerra de outros estados.
Como uma cortina de fumaça,
penumbra dos novos ares,
que avança cobrindo a luz.
Ímpares impactos
que deixam - apenas -
marcas.



Creio que o pior é quando passa
Quando podemos sair da caverna
do conforto febril
E visitar o seio ardente da desgraça
da Mãe que chora lágrimas de vida
Por não poder nos aguentar.
O homem
Blindado de uma convicção patológica
Tentando entender o porquê
Procura falsas explicações nas utopias mais distantes
Inventa modos , novas maneiras ...
Nada disso é de verdade
Tudo faz parte do mecanismo do conforto
Do alívio imediato
Para estancar uma dor primitiva
Causada pelo próprio.
Mas não importa
Nossas vidas são um crime que não ficará impune
Uma doença a ser tratada
e expelida pelo próprio organismo ...
A natureza nunca nos perdoará

Agonizante revolta
em noite perturbada
Diante do que dói há salvação
Do mundo restam apenas
cascas
É que ainda sentimos muito
e muito pouco
e de tanto em tanto é outro
Outro dia interminável
e quem é que leu as cartas
Nesta madrugada fria
quantos dirão duras palavras
E a história de sempre
se mata ou não mata
O homem leproso dorme sem saber se acorda
E há quem lave suas mãos criminosas
O ódio tem origem passional
Mas isto eu não levo
E a noite
A noite não carrega
culpas.



escape

A válvula dos medíocres,
Dos enganados,

Aqueles que se confundem...

Ela não liberta, mas aprisiona

Numa outra cápsula,

Solitária em crise.

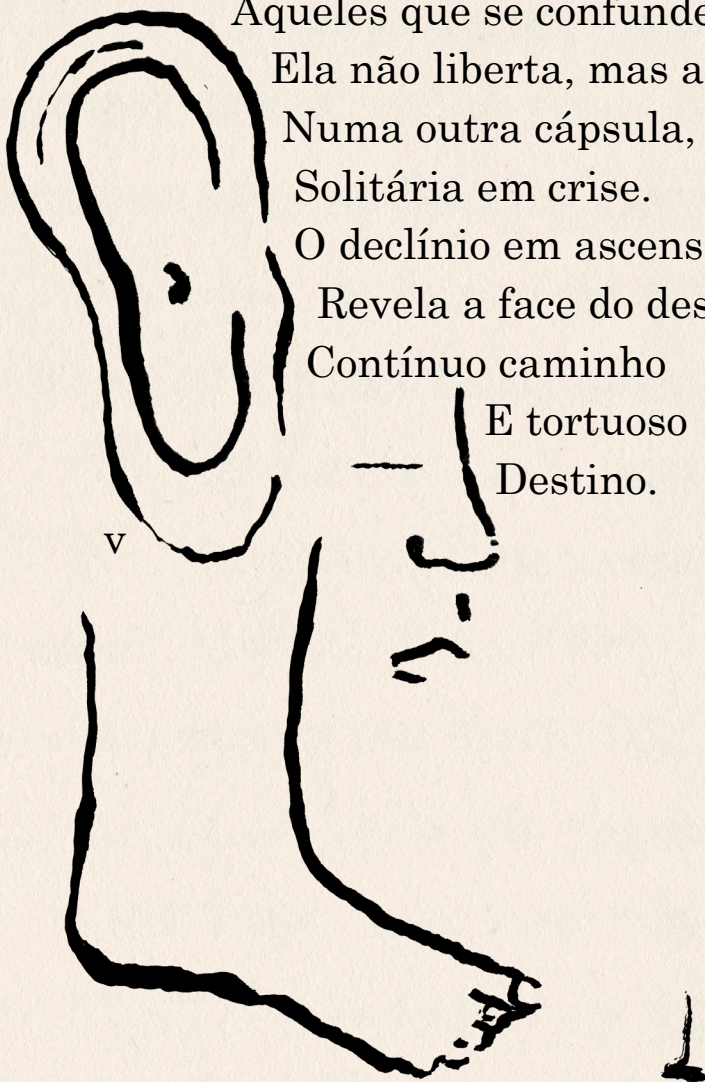
O declínio em ascensão

Revela a face do desespero:

Contínuo caminho

E tortuoso

Destino.



Notícias
de uma guerra híbrida particular
notícias de um não-lugar
onde só co-existimos
nos expassos entre idéias obrigatórias
onde não cabemos por inteiro
onde não há espaço ao erro
e
Construimos células perenes
de combates hierárquicos
Revelando intensos animais psíquicos
atemporal
súbita
Mente





mania

Não existem problemas no mundo
Continue.

Eu ainda sinto que sou livre.
ainda

Me aguento
Aguentando os outros.

a passagem

Há uma chave para a insanidade
uma passagem aberta
Uma estreita ligação ao submundo
E talvez a carreguemos
ainda
Em nossos bolsos vazios
nossa quietude solitária
Em nossos corações feridos
Nossas almas podres
que revelam
Tudo.



A realidade é um sonho que se sonha misto
Quente
Como fogo que cancela qualquer entrada de corpos não
[resistentes

E aí é que fico perplexo
Como ser tão vivo
Num mundo tão nefasto?
Como estar sempre vivo
Nunca desorientado?
O mundo é essa coisa confusão que aí está
Rés pública
Caindo aos pedaços do lado de lá
E como
Sempre
Nós é que gritamos problemas
Nós é que matamos flores para entregar a quem matamos
Nós é que entramos pela porta de saída de emergência
[corta-fogo
E brincamos no assoalho pélvico como se fosse ontem .





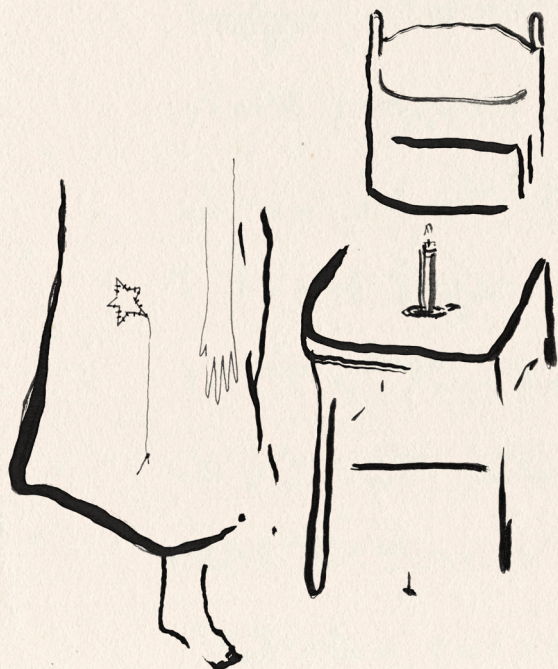
Uma parte da realidade está em minha mente
A outra
Ainda
Existe

Assim que sublimou
A existência
E toda dor que habitava
Ficou rasa
Fugi em prantos
A duvidar de mim mesmo
.....

Costurei aquele seu vestido
Com estampas de memórias velhas
Que jamais voltarão
Se é que existiram
E senti, na imensidão do vazio
O traço fino que não me deixava morrer
Enquanto eu pensava já estar
Morto

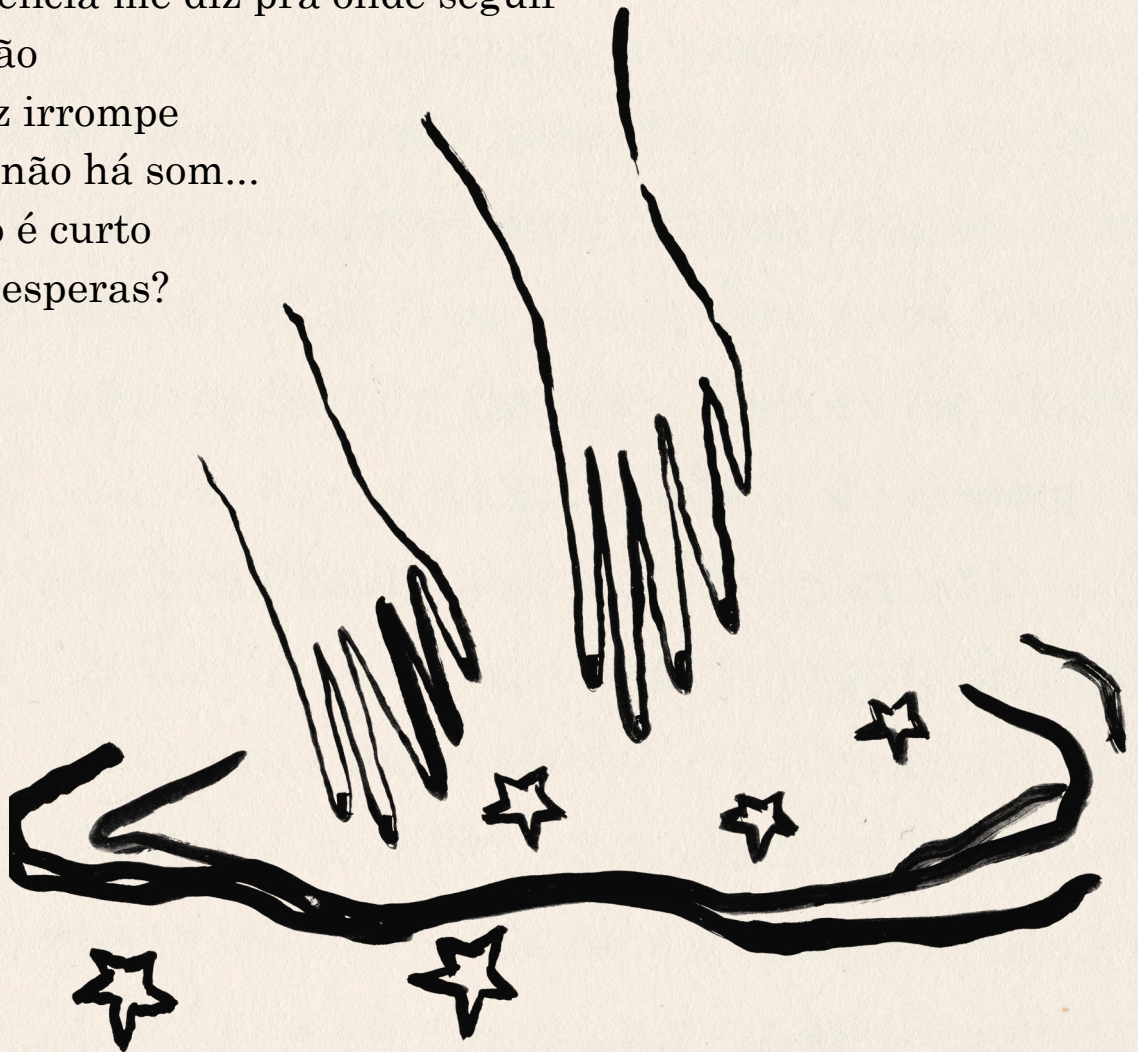
.....
A dor que não cessa, ensina
o progresso contínuo
a errante vibração prematura da vitória
O sucesso e o fracasso são gêmeos impostores
E quem não há de cair em suas garras?
E quem não há de sofrer suas duras perdas?
E quem não há de comer do fruto podre?

E quem anda nu,
parecendo a verdade,
Um dia também há de vestir-se
E bem caber em suas memórias
E sofrer pelo passado que não foi seu
E conhecer amores que não eu
E chorar , também ,
Pela dor que sente -
Se já não estiver morrendo.



oração ao infinito

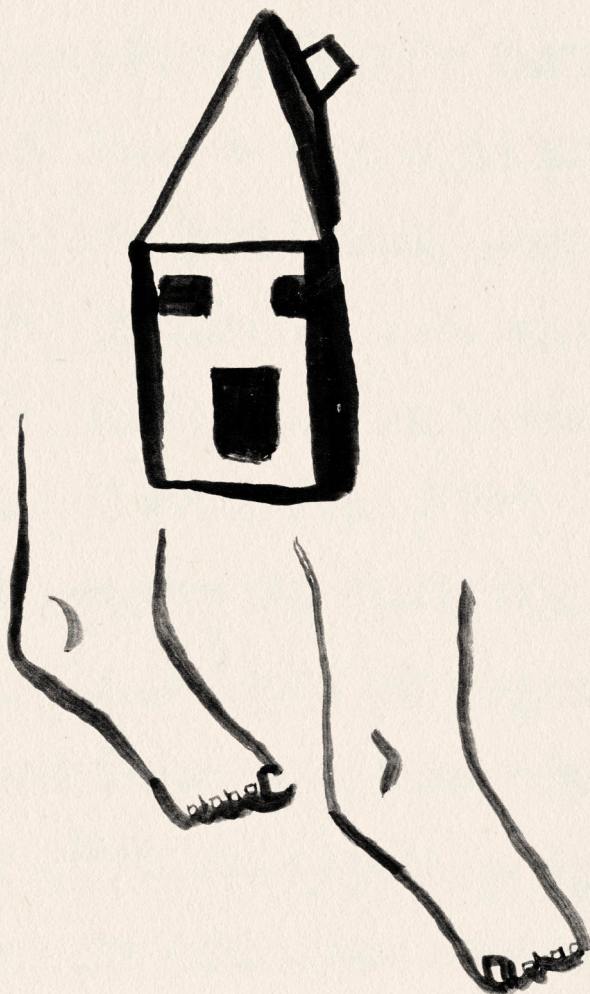
Lanço-me ao mar de desejos
No fundo do desconhecido encontro uma pedra
que
Ponho no buraco que há em meu peito
Ainda há vida nos recifes brancos...
A consciência me diz pra onde seguir
A intuição
Uma voz irrompe
de onde não há som...
O tempo é curto
Por que esperas?



voei pelo céu da liberdade a explorar-me

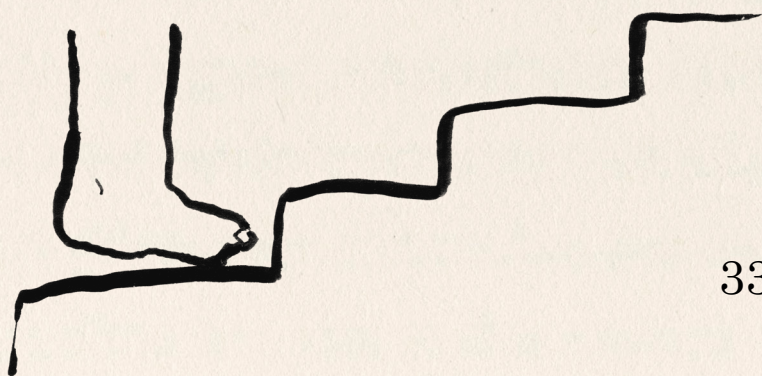
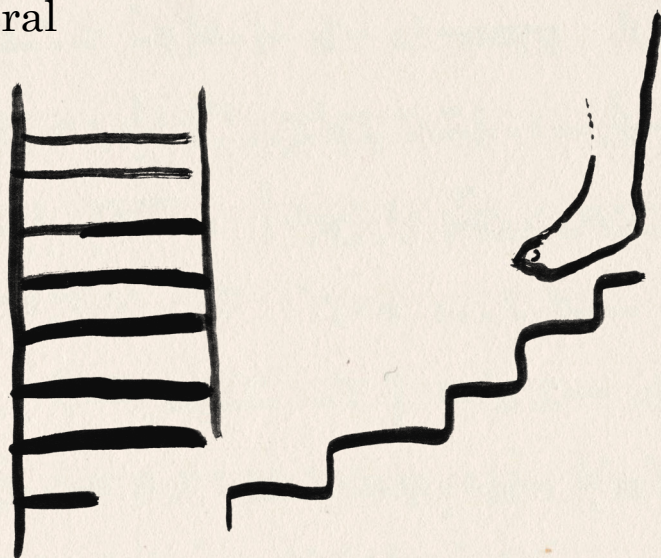
Sem culpa, sem ressentimentos
Sem falsas projeções
Já que nada me pesava, então
Leveime-
Voei pelas casas que morei
E vi, em cada uma, um espírito de momento
Era tão maravilhoso...
que me lembrei de cada vez que fui
E lembrando, tornei a viver
E ali eu estive presente tanto quanto agora
Eu vi cada pessoa na rua
Que me conhecia de vista , de longe
Das casas que morei
Dos tempos da escolinha na calçada de flores amarela
E cada corpo eram flores únicas que expandiam seu odor
E cada cheiro me chegava e eu vivia
Cada momento que foi só nosso
E era
E eu podia, voando pra mais longe,
Chegar num lugar solitário quase bucólico
E lá eu nunca tinha Estado
Porque lá eu não me atrevia a ir
E lá eu precisava ficar mais um pouco
Chorando as lágrimas da minha irmã
Acabando como os bichinhos das frutas que
encontrei pelo caminho enquanto andei por ali
E descobri o quanto é bom andar

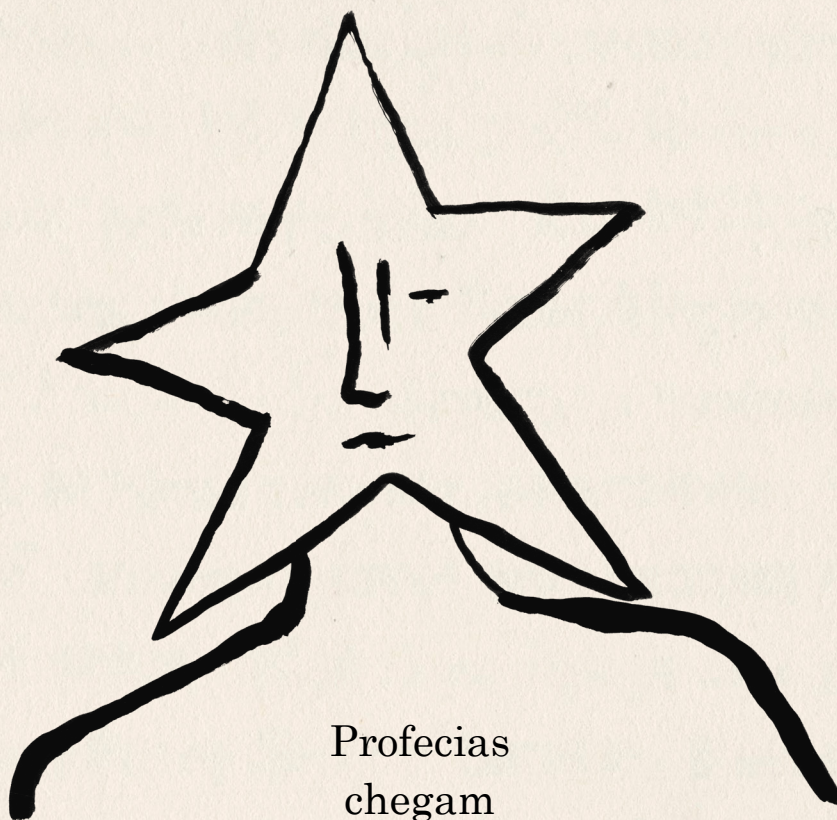
E amei , preso, aquele lugar
Ansioso porque quando
finalmente pude voltar
Tirei os sapatos e fui a pé...
E assim eu voltei antes de morrer, no meio do caminho
E deixar um bilhete no bolso escrito
Amem. Felizes as flores porque florescem e morrem tendo
sido o mais belas que podiam.



o disco voador

Um espetáculo que esperava
o tempo certo para acontecer
E eu, inocente, não tinha medo de ir.
Um trilho percorreu a cena incandescente
me vi no espelho côncavo da imprudência
O reflexo prateado do prato
pairando pela luz que eu mesmo havia arrumado .
Entro na pira
E lá tudo é incandescente
como a Sabedoria e a paciência
Virtudes inimigas da guerra
sou avisado pelos amigos : já é hora de sentir as coisas
Não debes ser um homem de coração pedra
não devemos.
Desço as escadarias do espaço sideral
atônito e
com muito medo do futuro
Não há o que possa fazer atrás
São degraus pisados
Sempre em frente
A subir e descer escadas
Prateadas
Trilhar caminhos difíceis
e talvez
Incandescentes.

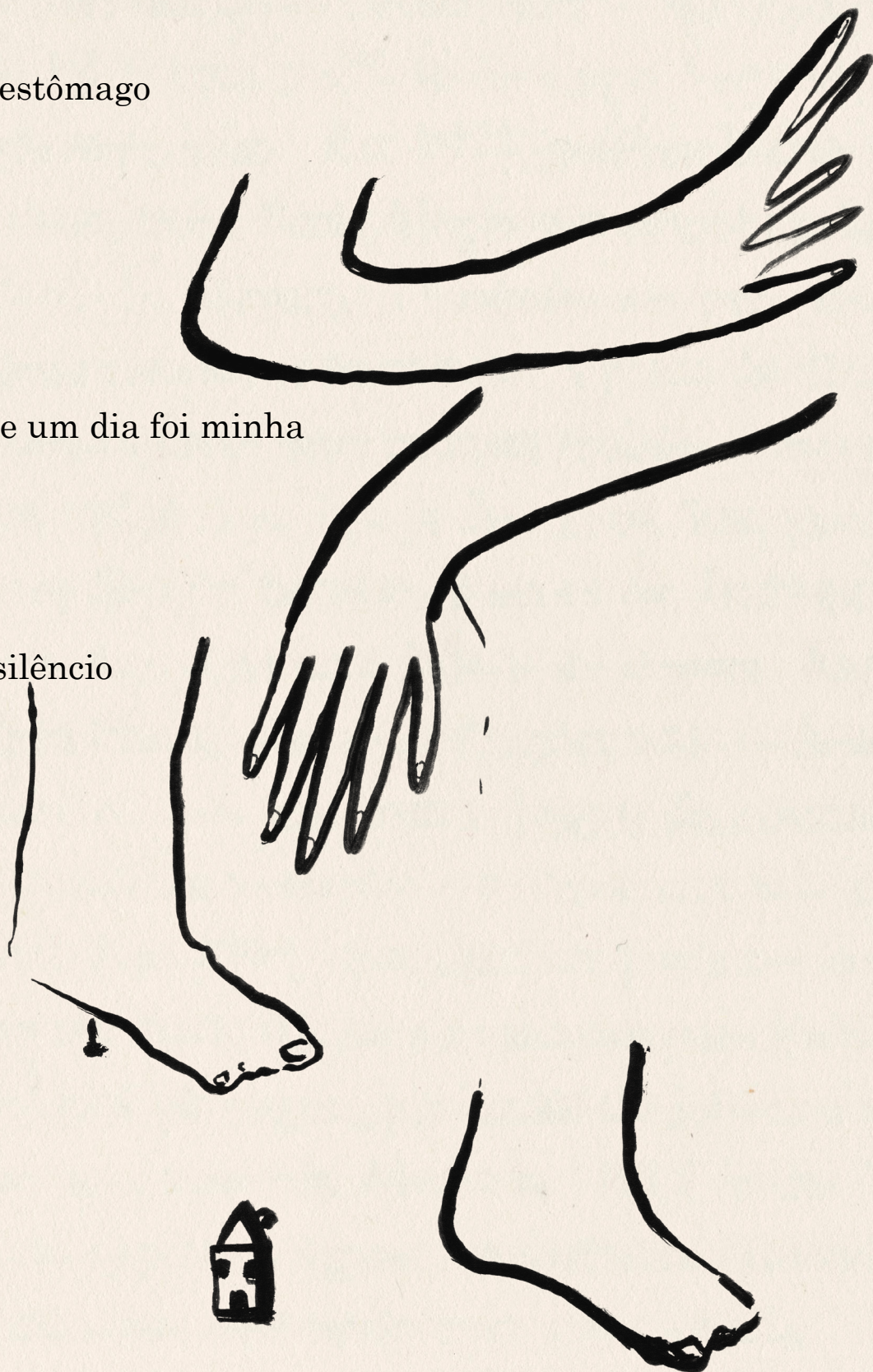




Profecias
chegam
como arcaicos ruídos
Nostalgia mnemônica e indefinível
algo novo que nunca compus
Novas Boas-novas
traduzem-se adentrando
a mente perturbada
do lúcido
e
Enlouquecido
médium.

Artistas não morrem

o desconforto
pesa
coração cabeça estômago
e
faz criar soluções
para o que
ainda
sequer
existe.
ando pela casa que um dia foi minha
a casa corpo
o corpo casca
comida &
carcomida
regurgitando em silêncio
idéias falsas
orgulho &
preconceito
criando soluções
e
ainda
sequer
existo.



extrema unção



Sedento,
Bebo de meu próprio cálice
e Sangro o bálsamo pulsante
A realimentar o âmago
em silêncio.

Há uma fenda no espaço-tempo
uma fenda que permite reviver cada momento
cada (in)acessível esquecimento
cada dor, cada anseio

Há uma Fenda em meu peito

revelando tudo o que não é cênico
um menino, um rebento
sem nome, sem documento
sem vela, sem choro, sem lenço
Um rebento

desprotegido do mundo
uma criança sem rumo
vê uma Fenda no espaço escuro
ser uma nu
caminhando a buscar seu fruto

Há um homem – bruto
a lapidar-se diante do público
e prolonga-se no ato ininterrupto
sequência febril de interlúdios
quando
irrompe-se nu em busca do fruto
pela fenda aberta revelando tudo
e tudo se torna uno

o ator a criança o adulto
Há uma Fenda no espaço-tempo
há uma fenda
há.

há um instante infindo
tão logo, tão breve
e vem sempre, e vem vindo
que assim teu ato me leve
leve sereno lindo
de volta à fenda que me concebe
teu ato
deus infinito.





Experimento a ação
vibrante
Dúvida



*‘Algumas pessoas morrem &
levam consigo segredos...
há coisas na vida que nunca saberemos.*

agradecimentos

na cozinha

*Felipe disse que me amava
por que eu era complexa
disse à João e à Letícia também
mas que lindo é amar a
complexidade do outro
aprendi a amar ali
e nunca me senti tão amada
o “te amo” que carrego
no peito é mais bonito agora*

*obrigado pelas tardes e noites de verão
te amo*

Mariana Santa Maria João

*Às Rosas
Às Marias*

Ao 221

À João

Àmil Anus

A Russo

Ao Rei Lagarto

Ao velho poeta

E sua casa de memórias.

*Àqueles que amo e não couberam aqui,
tamanha grandeza.*

O Rei Ricardo Coração de Leão

FICHA TÉCNICA

escritos O REI RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO

ilustrações MARIANA SANTA MARIA JOÃO

produção executiva LETÍCIA ROSA

diagramação e design FELIPE LIMA

Acompanhe-nos pelo Instagram

@amaria.joao

@joaolsd98

Obra realizada com recursos da Lei Aldir Blanc (nº14.017)
na cidade de Jundiaí-SP.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
Brasil, Dezembro de 2020.

Venda proibida

escritos por O REI RICARDO CORAÇÃO DE LEÃO
ilustrações de MARIANA SANTA MARIA JOÃO